

SEG Fernando Gabeira _ Demétrio Magnoli (quinzenal) _ Miguel de Almeida (quinzenal) _ Irapuá Santana (quinzenal) _ Washington Olivetto (quinzenal) _ Marcello Serpa (quinzenal)
 TER Merval Pereira _ Carlos Andreazza _ Zuenir Ventura (quinzenal) _ Edu Lyra (quinzenal) _ QUA_ Vera Magalhães _ Elio Gaspari _ Bernardo Mello Franco _ Roberto DaMatta (quinzenal) _ QUI_ Merval Pereira _ Malu Gaspar
 SEX Vera Magalhães _ Flávia Oliveira _ Pedro Doria _ Bernardo Mello Franco _ SÁB_ Carlos Alberto Sardenberg _ Eduardo Affonso _ Pablo Ortellado _ DOM_ Merval Pereira _ Dorrit Harazim _ Bernardo Mello Franco

CARLOS ANDREAZZA


 blogs.oglobo.globo.com/
 carlos-andreazza/
 ca.andreazza@gmail.com



À vontade para radicalizar

Desde há muito trato da pandemia — especificamente da vacinação — como campo ideal para o exercício da radicalização bolsonarista; território perfeito à produção-circulação de teorias conspirativas.

Claro que há outros chãos favoráveis ao fluxo do discurso sectário com vista à eleição de 2022. Por exemplo: a desinformação fidelizante difundida pela campanha do voto impresso, cruzada pela suspeição das urnas eletrônicas, uma empresa pela dilapidação do sistema eleitoral; mas cujos limites logo armariam os freios, o maior dos quais o fato de existir um inquérito instaurado de ofício, dependente apenas da caneta de Alexandre de Moraes.

Os movimentos nesse processo, muitos sob a vara da PF, assustaram.

No caso da pandemia, inexistente um inquérito como o governado por Moraes (em que o STF é vítima, acusador e juiz), a criminalização da conduta do presidente dependeria de gestões da PGR. Bolsonaro está blindado neste flanco — e sabe. A CPI da Covid, que lhe deu muito trabalho, não terá como se desdobrar sem Aras. (Lira, na Câmara, é seu sócio.) Daí por que deite e role. Daí por que, ante a vacinação de crianças, sintam-se ainda mais à vontade para acelerar o esforço por desacreditar vacinas.

Não é novidade que essa pregação desinformante opere em movimento pendular: com Bolsonaro de um lado lançando o pêndulo ao extremo dos ataques à vacinação (ou aos decretos de distanciamento social), com o que abatece sua base social, também por meio de confrontos com governadores, os tiranos ladrões da liberdade; de outro, ante a imposição do mundo real, levando o pêndulo até mesmo ao lugar em que o governo tentaria competir pela liderança do programa de vacinação, seja porque acossado por Doria, que começara a vacinar antes, seja pela repercussão da CPI.

Padrão. O mundo real sempre se impõe. E então Bolsonaro afrouxa a corda. Até que as condições a um novo ciclo embusteiro se deem, e o bolsonarismo, liderado pelo presidente da República, dispare-se, sentindo-se seguro, em novo impulso de radicalização. O esquema se repetiu quando da vacinação de jovens. E agora, com as crianças. Pêndulo vai. O



mundo real se impõe. Pêndulo vem. Uma, duas, três, mil vezes — a imposição do mundo real. Mas não tarda a que se apague — a que seja apagada — para a constituição artificial de um novo palco de combate, de uma nova forja à confecção de inimigos imaginários.

Ou não teremos visto o ministro da Saúde, personificação desse movimento pendular, falar — não faz duas semanas — em 4 mil mortes comprovadamente relacionadas à vacinação? Uma informação errada, mas não um erro.

Padrão. Como Bolsonaro — aterrando a realidade — insiste na farsa de que esteve certo, pensando na saúde da economia brasileira, quando bradou contra a prioridade das vacinas e a necessidade de restrições à circulação de pessoas, lembremos do último trimestre de 2020. Era o momento decisivo para o fechamento de contrato com a Pfizer; para que se iniciasse a vacinação ainda naquele ano, e já estava evidente que a reativação orgânica da economia só viria com a vacinação em massa. Mas o governo foi negligente e fabricou impedimentos.

Por quê? Porque iria “surpreender o mundo”, totalmente comprado na tal imunidade de rebanho. Para que gastar com vacinas? A cloroquina como placebo que empurraria o povo às ruas, do que se colheria o produto “contaminação em massa”, situação em que, sem parar a economia, chegar-se-ia ao fim da pandemia naturalmente.

“Baixíssima probabilidade de segunda onda” em 2021 — dizia, naquela altura, um secretário de Paulo Guedes. Era a aposta no declínio da peste, imunizados os brasileiros por contágio, paralelamente à economia que se recuperava

em V. Aí está. Daquela mentalidade derivando também, vacinas em segundo plano, a suspensão do auxílio emergencial entre janeiro e abril-janeiro de 21, aliás, o mês em que o governo brincaria de TratCov na Manaus sem oxigênio.

O mundo real se impôs. Bolsonaro, porém, continua a atribuir a falência da economia aos outros. E Queiroga quer ser reconhecido como o ministro que acabará com a pandemia.

Atenção à nova base de lançamento para as mentiras bolsonaristas: a variante Ômicron. A maneira agressiva como contamina consiste na própria definição de paraíso para a pregação antivacina; a moda agora sendo acusar que as pessoas, mesmo com três doses, continuam contraindo o vírus. É a materialização do inimigo imaginário, como se vacinados não pudessem se contaminar. E como se fato não fosse que — mesmo diante da violência dessa mutação e da explosão no volume de infectados — a vacina minimiza a gravidade dos casos e diminui imensamente o número de vítimas fatais.

Não adianta. Bolsonaro domina o zap profundo, a cuja alimentação servem imposturas como a de Queiroga, e está à vontade para radicalizar; o único risco contra si, em 2022, sendo o de perder a eleição. Radicalizará para ter lastro competitivo. A estratégia: investir no campo de embate da pandemia, navegando a Ômicron, e se aproximar ainda mais dos seus 20% do eleitorado; apostar na “operação Ciro Nogueira” da máquina de modo a que a gestão patrimonialista do Orçamento lhe traga mais alguns pontos; e confiar que a mobilização do sentimento antilulopetista, talvez adormecido, mine em parte a posição de Lula.

EDU LYRA


 blogs.oglobo.globo.com/opinia
 editoria.artigos@oglobo.com.br



Pedras de esperança

No ano passado, visitei em Washington o memorial de Martin Luther King, o ativista pelos direitos civis dos negros americanos que se tornou um dos maiores líderes de causas sociais do século XX. Exposta num parque, a enorme rocha de granito de onde emerge sua figura recortada nos obriga a elevar o olhar. Na lateral, lê-se: “Da montanha de desespero, [surge uma] pedra de esperança”. É um trecho do famoso discurso em que ele falava do seu sonho de ver negros e brancos convivendo harmonicamente.

Não deixa de ser simbólico que o monumento tenha sido inaugurado, em 2011, por Barack Obama, o primeiro presidente negro dos Estados Unidos — um país que, como o Brasil, tem sua história manchada pela escravidão. Foram sementes plantadas por lideranças lúcidas e corajosas como Luther King que permitiram ao país superar leis de segregação que vigoraram até poucas décadas atrás.

A visita me levou a refletir sobre nossa situação. Vivemos num país racista. Sei, até por experiência própria, que é raro um negro que não tenha sido vítima de uma humilhante história de racismo. Feita a constatação, porém, é o caso de perguntar: quais pedras de esperança deixaremos às próximas gerações, para que elas construam edifícios sociais menos desiguais e injustos?

A tarefa é árdua, temos que lidar com uma herança maldita de séculos. Estou lendo com grande interesse o primeiro volume de “Escravidão”, de Laurentino Gomes, e aprendendo sobre as origens das mazelas sociais brasileiras.

A escravidão de africanos não é comparável a escravidões anteriores descritas pela história. O componente racial, o caráter comercial, a escala industrial, tudo isso tornou a escravidão de

negros um fenômeno tão único quanto abjeto. Ao longo dos séculos, 12 milhões de seres humanos foram sequestrados e traficados para as Américas. Desses, cerca de 5 milhões vieram para cá. O Brasil extinguiu formalmente a escravidão com a Lei Áurea, em 1888, mas nunca se preocupou em fazer a inclusão social da população negra.

Os resultados dessa escolha são visíveis ainda hoje a qualquer um que tenha um mínimo de sensibilidade social. As estatísticas são eloquentes. Embora os negros sejam 54% da população, representam 78% do décimo mais pobre dos brasileiros. No alto da pirâmide social, a situação se inverte: entre o 1% mais rico da população, nem 18% são negros.

E mais: a grande maioria dos profissionais com maior qualificação, como engenheiros, médicos e advogados, é branca. Nas 500 maiores empresas do país, negros ocupam 4,7% dos cargos de direção e 6,3% dos cargos de gerência. Pouco mais que 9% da população negra tem pelo menos 12 anos de estudo (em comparação a 22% dos brancos). Além disso, num país violento como o nosso, um homem negro tem oito vezes mais chance de ser vítima de homicídio que um homem branco.

Luther King foi uma pedra de esperança para a população negra dos Estados Unidos. Precisamos, da mesma maneira, tirar uma lasca da nossa montanha de desespero e ajudar a construir um futuro melhor para todos, independentemente da cor da pele de cada um.

ARTIGO

Uma escola para a geração digital



ANA TEBEROSKY

Não é frequente que consideremos as características geracionais das crianças que educamos: quantos anos têm e em que contexto estão sendo escolarizadas. Mas é preciso fazer esse exercício, pensar que elas nasceram a partir de 2010, após o uso global e massivo da internet (a partir da década de 1990), e-mails, celulares e Instagram. São alunos da era digital, que navegam no ciberespaço e interagem por meios eletrônicos com total naturalidade.

Esses meninos e meninas, justamente porque aprenderam a falar, ler, escrever e usar a linguagem acompanhada por mídias digitais, aprenderão em poucos anos o correspondente a 35 mil anos de aquisição histórica e cultural da humanidade. Embora no contexto familiar tenham aprendido a falar face a face, no contexto escolar aprendem a ler individualmente e em silêncio, a escrever no papel com uma mão, a usar as duas mãos no teclado e a deslizar os dedos na tela para ler. No contexto atual, nossos alunos poderão ler em dois dias tanto quanto os humanos foram capazes de ler ao longo de 5.500 anos de história.

Essas mudanças contemporâneas são importantes porque influenciam a lingua-

gem, seu ensino e sua aprendizagem. Claro que não podemos ser ingênuos: sabemos que isso não influencia a todos da mesma forma. A globalização e o uso digital são avanços importantes para muitos, mas não são distribuídos igualmente.

O contexto atual influencia a linguagem e seus usos no ambiente doméstico (embora não tenhamos consciência disso), mas se define mais claramente na escola: o aluno aprende em sala de aula um novo registro da língua fortemente influenciado pela escrita, que agora é também digital. Outras formas gramaticais, outras demandas normativas, outros contextos de aprendizagem se apresentam.

O aluno precisará de ajuda para navegar nesse novo cenário? Quem se responsabilizará por oferecer suporte? Sim, o aluno precisará de ferramentas (livros, computadores, internet) e também de pessoas que o ajudem a aprender a usar estes instrumentos. Continuará precisando da família e de professores.


A ajuda será necessária porque, quando a criança aprende a língua, aprende duas coisas ao mesmo tempo: a usá-la, mas também a usa para aprender. Ou seja, ele aprende a língua e através da língua, simultaneamen-

te, segundo o linguista Michael Halliday.

Na escola, o aluno tem que aprender novos vocabulários e conceitos (história, matemática, geografia...). Por meio do ensino aprenderá sobre a língua e ganhará consciência sobre ela. Aprenderá gramática, ortografia e regras que informam sobre as formas corretas; terá acesso a narrativas e aprenderá histórias e textos que o informam sobre o mundo, conhecerá expressões para buscar o consentimento dos outros, a usar termos de cortesia de acordo com a audiência.

Ou seja, vai aprender a usar a linguagem para aprender, e irá usá-la instrumentalmente para todo o resto. Desta forma, a linguagem passa a definir a natureza da aprendizagem.

Por isso, refletir sobre a importância da linguagem não é apenas descrever uma disciplina: ela foi e continua sendo a questão central da educação. A linguagem é o contexto em que nossos alunos crescem e são educados. Tudo o que foi descrito anteriormente (conversação, escrita, o digital, a internet, criação e escolarização) é definido através da linguagem que se aprende, que se partilha, que se ensina. Portanto, tem sido e continua sendo uma questão central na educação.

 Ana Teberosky, catedrática de psicologia evolutiva e da educação na Universidade de Barcelona, é pesquisadora/colaboradora do Laboratório de Educação